Izal

A TROCA

Nota do autor:

Esse romance é um trabalho de ficção e o contexto pura invenção. É mera coincidência se os retratos aqui pintados lembrarem alguém, morto ou vivo.

“Porque o caminho dos homens está perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas:

Prov. 5:21

1

É sexta feira. Ralos raios de luar escoam através da grade da janela iluminando timidamente um corpo nu. Corpo a se debater no calor da noite longa.

Nada anormal. Ilano está crescido e lê escritas de banheiro. Acostumado está aos pesadelos. Não raro se desvencilha de animais rastejantes, monstros horripilantes, raízes enleadas, seres disformes e purulentos, tudo a brotar de detritos putrefatos.

O despertar prematuro, este sim, há tempos o assalta: gris fica o alvor que prometia, sonhos desfazem-se, lembranças se transformam em mau agouro. Essas suas terríveis boas-vindas turvando a emoção do raiar de um novo dia.

O calor não dá trégua. Secretariado por um sol impetuoso incendeia as manhãs só amainando lá pelo fim das tardes quando a luminosidade vai se conflitando com as primeiras sombras da noite. A partir daí um vento

surge, desaforado, arreliante, único capaz de expulsar as consequências emanadas do terrível cúmplice.

Nessa sexta, porém, o vento não veio, e o insone Ilano se debate entre o sopor e a vigília tentando driblar o calor sufocante. Molhado pela transpiração excessiva vira-se repetidas vezes em gestos autômatos encharcando o lençol encardido.

Falhava o vento. Logo na noite em que o velho Ilano ia se empenhar na reflexão e abarbar o passado inconteste. Noite que, enfim, poderia lhe oportunizar a quadra esperada, bela, equipada de encantos, de sonhos, e não dos pesadelos modais.

Seu drama então continua em ascensão. O passado lhe chega incólume com os desdobramentos aterradores de sempre desaguando nas terríveis lembranças. Lembranças da grande revolta. Revolta ocorrida lá atrás, bem lá atrás, época em que seus sonhos de garoto eram mutilados pela constatação de um problema físico cujas consequências repercutiriam vida afora.

Trágica revolta. Naquele garoto então, ela era terrível, inclemente, incurável. E mesmo se cura houvesse na época, médico não havia naquele fim de mundo, nem psicólogo, sequer padre para preservar sua autoestima em vias de esfacelar-se. Nem seus pais podiam intervir, ignorantes que eram quanto a estragos invisíveis. Por isso, garoto ainda, sua existência já se transformava num monte de escombros.

Velho agora, ele não está doente. Ele é um homem doente carregando nas costas esse fardo de agruras. Tenta esquecer, mas as lembranças o detêm. Tenta negar, mas o passado não deixa. É assim, justo assim que a vida o leva, sem meios sequer para atenuar o drama em curso.

- Besteira! ... Tronco está o corpo, não a alma... Paciência é o que mais tenho para enfrentar o que ainda resta das maldiçoes da existência.

Ledo engano. Não se brinca com uma alma em desalinho envolvida em espectros de uma depressão reincidente. Não só paciência lhe basta. Precisa de mais.

A dor em questão é bem mais lesiva. Tanto que acabou reduzindo-o ao estado lastimável atual. Justo porque o alcançara na tenra idade, no exato instante em que as anomalias lhe saltavam impiedosamente aos olhos. Numa fase em que tudo era encanto, num tempo em que a vida ainda impregnava de fantasias sua inocência caprichosa de criança. Assim a dor o atingia, covardemente, em conta-gotas, sobreposta e em cascata, de forma avassaladoramente cruel.

Sinistros momentos aqueles. Um verdadeiro terror particular ele passava a viver. Um inferno interior só reservado aos pobres diabos que, por cochilo ou chasco do Criador, vem ao mundo sem os aspectos anatômicos que distinguem a raça.

E tudo parecia arquitetado para deixa-lo intermitentemente insurreto. A cada ida ao espelho, descobria o quanto a natureza errava feio ao esculpi-lo. Aos poucos ia se deparando com músculos e ossos estranhamente comprometidos. Pior: a cadeia de fatos se dava com nexo, ritmicamente, numa sequência

cronológica de intimidação, cada vez mais instigante, mais assombrosa. Parece até que os episódios se desenrolavam inteligentemente com o intuito de levá-lo ao desespero. Primeiro, fazendo-o pensar que o problema só se circunscreveria abaixo do pescoço. Depois, levando-o a flagrá-lo no rosto também.

Havia as pausas, sim. As pausas entre uma e outra descoberta. Mas nem elas o poupavam. Justo porque transcorriam em tempo demorado, tempo bastante para manumiti-lo, para leva-lo a acreditar numa possibilidade de escape e até de um futuro melhor. Nessa perspectiva, sua indignação até se esvaziava. Continuava indeciso, é certo, mas esperançoso, recostado no velho brocardo "poderia ter sido pior". Entre esses espaços temporais, até se esquecia das atitudes defensivas escorando-se em vagos lampejos de esperança.

Só que a esperança, apesar de virtude, nunca colocou manteiga no pão. Principalmente quando se apresenta em lampejos, como paliativo entre o fato e a ilusão. Pérfidas eram, pois, as pausas. Argutamente

tramadas, só deixavam sevo o problema. Não passavam de artifícios, terríveis arapucas, cada uma se desarmando em tempo caprichosamente cronometrado, como se o preparasse para a próxima descoberta. A última, inclusive, desnudando a face atingida.

Solitário e infeliz, aos poucos ele ia se perdendo. Imerso naquela vida atribulada, sua confiança soçobrava diante de um intrigante mistério: o de que um Deus qualquer podia criar monstros e ainda esperar que eles vivessem como gente.

Mas não se quedava. Apesar de severamente debilitado, insistia em ignorar o corpo imperfeito. Mesmo desorientado, teimava em rechaçar a maldição a todo custo, conservar intacta a alma, apesar de saber que, mais cedo ou mais tarde, seu mundo ia desabar. Como de fato desabou.

Só aí ele agia. Paciência também tinha limite. Sua mente passava ao aferro, à insurreição, ao ódio, como se com isso a presente pugna pudesse ser abrandada. Galvanizada ficava sua essência com o verniz do

transtorno. A vingança o contaminava. Termos abjetos passavam a sujar sua boca, ensurdecedores gritos de rebeldia que só faziam elevar o próprio martírio.

– Maldição! Aberração! Coisa macabra! .... Não mereço isso.

As pessoas livram-se de suas dores de diversas formas. Umas, através do escárnio, outras, da ironia, outras, do ódio. Mas, que sentido tudo isso faria? Que ressentimentos nutririam o garoto a ponto de fazê-lo ponderar sobre a necessidade de um algoz ou de toda uma série de algozes, atribuindo-lhes culpa por um castigo que eles definitivamente não lhe infligiram?

Para aquele garoto, no entanto, isso pouco importava. O ódio, apenas o ódio o dominava, essa força incontrolável o impelindo a combater sabe-se lá o que, ainda que o combate fosse insano, gauche, desigual e bastante silencioso para ocultar a certeza de uma inevitável derrota.

Não logrou êxito, claro. O tempo é o senhor da razão e lhe frustrou o ímpeto. A dose de ódio foi alta demais e não coube em sua índole. Derrotado, lá foi ele se humilhar com a comprovada ineficácia daquela vendeta. Impotente, competia-lhe então esquecer-se temporariamente da ira concluindo finalmente ser aquele um culto inútil. A batalha parecia finalmente esvaziar-se, ainda que outras mais tarde pudessem vir com a veemência de um ódio insidioso. E ao fim e ao cabo de cada uma delas o já esperado fracasso com marcas cada vez mais profundas.

Marcas que ficaram, nacos de frustrações mobilizadas para achacar sua memória, essa sagaz e indestrutível memória que nunca lhe deu paz. E assim o perverso círculo se completa: os malogros ativam as lembranças, as lembranças levam aos percalços, os percalços coroam o infortúnio, e a dor da alma remanesce como uma espécie de panóplia. Daí suas viagens sem passagem, seu ir e vir alucinante, com toda a gama de frustrações a desaguar nas profundezas sombrias do seu eu. Até porque, depois das batalhas, tudo se revelou

inglório, sem progresso, sem resultado. Na verdade, as qualidades tão próprias daquela curta inocência só forjaram abandono, circunscritas que ficaram na solidão do dono.

Assim se deu o flagelo de suas frustrações. Assim foi sua entrada àquele mundo sem brilho. Em meio às meneadas descobertas, as sombras já produziam trevas em seu imaturo coração.

Velho hoje, ele lá está, a saúde comprometida, a carregar os males da insônia, os pulmões dando sinais de cansaço, o fígado fatigado pela difícil tarefa diuturna de encarregar-se do álcool e a estrutura óssea falhando para conserva-lo de pé.

Mas, sexta que segue. Inesperadamente, um estranho ambiente se forma. A cena é intrigante. O ar quedo do quarto fica embaçado por resquícios de fumaça de um cigarro recém-apagado. Depois de minutos de escuridão ocasionados por uma nuvem negra intrometida, a lua reaparece e quebra a letargia. Tímida e desencorajada, tenta iluminar o súbito mistério.

O velho Ilano estarrece. Atordoado, eleva-se incontinente. Abre bem os olhos e divisa entre o armário e a janela um vulto indecifrável de um corpo a balançar intermitentemente cortando a parca claridade, projetando uma sombra indecisa na parede encardida.

Fica longo tempo assim, como se não estivesse seguro de habitar o próprio corpo. O peito nu arfando a procura de ar passa a melar-se com o suor que goteja do queixo em prumo.

De repente, em meio ao mistério, uma voz engasgada a princípio quebra o silêncio. O som recrudesce misturado à penumbra, embora o conteúdo dissimule um pouco o clima de desordem.

- Ilano. Sossegue, - começa a voz, agora calma, serena e audível. - Não estou aqui para assustá-lo ou tornar mais difícil sua noite. Quero, isso sim, ajudá-lo a encontrar a paz permanente. Não pretendo ser o protagonista de uma simples sena, até porque esta noite é incólume a fantasias.... Se aqui estou é porque o conheço profundamente. Tive a oportunidade de presenciar todo o

seu drama e sei como ninguém o calibre do seu sofrimento... confesso que me dói muito sua maneira de encarar a vida até agora. Não duvido de que existe o mal e ele o assola. Mas tem cura. Cura que não está nos soníferos, nos antidepressivos, ou nas letras frias de uma receita, e, sim, dentro do seu eu, num lugar bem escondido, em forma de lacunas edificadas no passado, as quais você teria que apagar à medida que fossem surgindo... Sim. Eu sei. Não lhe foi possível fazê-lo. Seu senso de proporção e até sua compreensão das coisas não lhe permitia transitar ileso por tamanhas complexidades, não obstante tentasse brava e desesperadamente.

Ilano somente ouvia. Ouvia a tudo, boquiaberto, agnóstico. As palavras simplesmente desnudavam um passado do qual ele achava ser o único sabedor.

A voz continua pausada e sapiente.

- Sei de tudo, meu caro. Sou observador e sempre o tive na mira.... Preste bem atenção. Só desta vez foi-me concedida licença para vir visitá-lo. Se o amigo levar a sério o que digo, teremos chances de novos encontros. Se

não, esta será a única e última vez.... Entretanto, antes que tome qualquer decisão, consulte seu médico para obter dele o aval científico pertinente ao que está a ouvir. Alguns bons médicos da mente veem com muita seriedade as ilações.

O ouvinte ensaiava reagir, mas não conseguia anestesiado que estava pelo impactante recado.

A voz não dava trégua.

- Não quero mais atrapalhar seu sono. Por isso, sem mais delongas, passo ao cerne da questão: coloque em dia seus afazeres e prepare-se para empreender uma longa viagem. Vá ao lugar onde sua vida começou. Fique lá o tempo que for necessário. Não volte enquanto seu coração não mandar e faça tudo o que ele pedir, impondo fé aos atos que ele julgar procedentes, sem se importar com a disciplina ditada pelas malhas da mente. Siga tão somente seu coração e então veremos onde a razão está: se nos escritos científicos onde os labirintos da sabedoria professam as normas do comportamento, ou se na vontade do fazer sem se ater a qualquer linha de

raciocínio, apenas recorrendo à fé, sem o temor das consequências. Se nada conseguir, se sua alma continuar dura e incrédula como agora, pelo menos não poderá se culpar pela omissão.... No seu caso, acho, é melhor se mexer do que ficar parado esperando o bicho pegar.... Pronto. Recado dado. Desejo-lhe, a partir desse momento, um sono reparador... ah! Deixo-lhe uma frase. Se puder, reflita sobre ela com muita calma: “sem tentar, não saberemos se o que não tentamos poderia resultar em algo maior que uma tentativa”... Até breve, se assim o Redentor quiser!

Não houve diálogo. Apenas o sermão, rápido, loquaz e bastante esclarecedor.

De volta, o dolorido arcabouço na posição horizontal, o atento ouvinte agora olha, ora para o teto, ora para a janela, ora para a parede, buscando a imagem que o assaltara. Aquela imagem que, de forma instantânea, projetara no ar um misto de suspeita, mistério e dúvida, não obstante deixasse uma agradável

sensação de que, fosse quem fosse, estava a lhe querer bem.

Passada a incredulidade, uma calma impõe ordem ao seu espírito e um sono tranquilo o sobrepuja transportando-o mais pesado aos braços de Morfeu, isto depois de orações em prol dos mortos e súplicas ao bom Deus para que conservasse aquela alma falante fora do seu território.

2

Finalmente uma manhã chegava para o velho Ilano com o sono em dia. Raridade. Havia tempos isso não acontecia. Um sorriso raro iluminava seu semblante. Uma nova vida parecia apoderar-se dele.

Será que seus dias de tormenta chegavam ao fim? Seus históricos problemas se desvaneceriam com o impacto da surpreendente aparição?

Será? Seu coração dribla adversidades, a mente, não. Sua memória nunca deixou de lado o passado, e nele há martírio, sofrimento em cascata, dor em sucessão perversa e, desgraçadamente, uma face afetada. Este o problema: o horror sempre presente a abodegar o ocorrido. Daí a desordem emocional, matéria prima permanente a suprir sua fábrica de destroços.

Mente tão convulsa, portanto, voz nenhuma acalmaria. Sentir aquela sensação momentânea de bem-estar dissipar-se era apenas uma questão de tempo. E isso se deu com as inexoráveis quimeras de volta. Fortes, fidas, inapagáveis, estas sim, continuam a esbagoa-lo, a impor-lhe o tenebroso passado, desvairos constantes sempre o advertindo de que elas ainda estão lá. Como a que agora o ataca.

A lembrança é implacável. Era uma tarde nublada, ele passa a lembrar. Seu pai de repente ditava as cláusulas do seu maior pesadelo: - “minha missão por aqui acabou. Chegada é a hora da transferência definitivamente para a capital”. - E isto em meio a uma série interminável de conflitos.

Um desastre a notícia, um degrau lastimável do previsto que alarma. Significava mais uma mudança em hora imprópria juntando-se ao flagelo de suas próprias mutações aumentando sobremodo a confusão na cabeça remexida. E sem alternativa a tomar porque, criança ainda, não mandava em si mesmo.

Assim, não lhe restava escolha. Era encarar a nova barreira ou agachar-se num canto para chorar ingloriamente. Era assimilar o choque iminente, ou sentir o baque eclodir, brutal, como um certeiro coice de burro no queixo.

Mudança feita, seu ciclo de dúvidas então recomeçava: duvidava novamente se veria animado o alvorecer, se atravessaria sem tropeços a tarde, se conseguiria levar a bom termo a longa noite. Pior: dessas dúvidas sobrevinha o medo. Medo de que velhas chagas recrudescessem.

Ainda bem que o medo não se transforma numa emoção infestável. Acontece apenas no momento em que a aflição é real. Assim, apesar de estranho o mundo, ele tornava às velhas manhas munindo-se de rebeldia em meio à nova batalha, ainda que vã ela se revelasse ao atenuar frustrações subsequentes. Recuperado, voltava de novo aos encantos da criança intocada, ao tempo em que ainda se achava perfeito. Afinal, o subsídio daquela primeira vida continuava a ser o elo a atrelá-lo à parte

indene do passado, único meio perfeito a lhe permitir vislumbrar com alegria o mundo singular da pequena cidade de outrora onde aprendera a amar as coisas simples. Só aqueles momentos podiam aproximá-lo dos sonhos, ainda que outros vestígios daquela existência tivessem que ser esquecidos. Só aquele pequeno espaço imaginário podia conforta-lo, ainda que fosse gradualmente diminuindo para não lhe caber mais. Sem essas minguadas saudades, seu futuro nada mais seria do que uma breve, vazia perspectiva a despejar-se na eventualidade.

Mas seu mundo agora era outro. Aquele mundão bizarro e dessemelhante a fazer de seus raros momentos de encanto apenas frágeis lembranças. Voltar ao passado, portanto, podia não ser um bom negócio. As benesses daquela vida pastoril teriam que ser gradativamente deixadas para trás. Infelizmente, esse era o ônus a pagar se de fato ele quisesse se submeter definitivamente à nova ordem. Ou ficaria a mirar o retrovisor para divisar a descontinuidade em cada curva, ou se desfaria da doce ilusão para entrar de vez na azáfama mundana daquela

gigantesca cidade. Quem sabe essa aceitação poderia ser útil? Quem sabe ficaria revigorado e se armaria de argúcia para decifrar um a um os novos enigmas buscando sem parcimônia mais códigos que lhe propiciasse safar-se? Suas apreensões poderiam muito bem se diluir naquele vasto espaço. Naquele mundão sem dono as amarras poderiam se desmanchar com um simples puxar de pontas. Decepções ali poderiam ser como palhas secas jogadas no rio: no momento que cai, a correnteza as leva embora.

Dúvidas, portanto, eram o que não lhe faltava, incautos arranjos a consumi-lo: - “como apagar um passado tão denso? Como afasta-lo de mim se o próprio presente o carrega? Como enfim desfazer-me de suas consequências? ”

Este, o problema. Ainda que rompidas as amarras, sua cabeça era fecunda e o passado permaneceria. Indelével, levá-lo-ia novamente àquela espécie de dignidade lúgubre que nunca lhe permitia progredir,

àquela reclusão dentro de um orbe onde só sua permanência fosse possível.

O tempo e o novo contexto, portanto, nada pôde fazer. Impondo a si próprio a fraqueza dos perdedores, ele claudicou ao avançar sobre a linha que demarcava sua tenra e média idade. Sem nenhuma saída porque, mais adiante, mais dúvidas vieram e mais labirintos, mais charadas insolúveis que só se avolumaram, pesadas e porfiadas. Assim ele chegou à fase adulta, aguilhoado, com toda a juventude perdida, arcado pelo fardo das enormes frustrações.

E consequências vieram. Afinal, tantos dissabores martelando um espírito acabam por abatê-lo. Tanto ódio a encharcar uma alma acoimada acaba por anulá-la. Sentindo todo o peso do drama, o guerreiro enfim se entregava. A partir daí a bebida passou a ser seu refúgio. Através dela, ele se enveredou na busca insensata de coisa nenhuma.

Sentia-se bem a princípio? Sim. E até aliviado, protegido. Mas o alívio era falso, a proteção passageira,

como a lagarta sobre uma folha boiando na corredeira. Ladina e traiçoeira, a desgraça que acompanha esses infortúnios abre os caminhos para a ida, mas os fecha para a volta. Quando o álcool toma conta, pouco espaço sobra para arrefecimento. Vítima do acaso, o que ele fazia era se fechar nas grades da própria insensatez.

Ainda bem que o acaso também entrelaça as malhas da vida. Ele próprio era vivo exemplo disso. Ora! Não foi por mero acaso que tudo se dera? Afinal, quem planeja chegar a esse mundo com defeitos no corpo? Quem, na gênese mais sublime, se arvoraria a pular para fora da fôrma? Assim, o acaso, antes de ser mero coadjuvante, era a cabal solução, por via óbvia da própria consequência.

Como de fato foi: numa última circunspeção, no mesmo caminho daquela perdição, uma médica surge carregando o mapa da possível reversão. Sua missão? Dragar um homem para fora de sua própria caverna. Quem sabe brechas diminutas enfim aparecerão na porta enferrujada do seu lacrado coração?

3

Os móveis eram velhos, o consultório também. Carpete, poltronas, tudo cheirava a poeira. Ilano aguardava impaciente na sala de espera.

Havia estado ali um mês antes numa visita que nada lhe disse. Frustrado, anuía que a chance da reversão não passava de engodo. Que, de seu, ficava apenas a promessa vazia de um possível contato. Contato que houve, não por iniciativa dele, mas da médica, razão pela qual de novo ali estava. Ele e mais cinco inditosos, todos suficientemente agitados.

Os minutos passavam lentamente. Nem olhares diretos detonavam uma conversa. O tic-tac do relógio era o único barulho a quebrar o silêncio até o momento em que um grito ecoou: “o próximo”.

Isso mesmo. O próximo, não importando quem fosse. Só quando este estivesse devidamente acomodado à frente da médica é que ela automaticamente o identificaria sem ajuda de ficha ou secretária. Uma vez identificado, o sujeito era convidado a sentar-se e a falar com fartura.

Espirito leve, Berenice trazia a serenidade clássica no rosto que ainda revelava traços de beleza promissora. Tinha a pele alva, as feições bem traçadas. A roupa justa revelava-lhe as linhas dos flancos ainda esguias e cultivadas. O ventre apresentava-se intacto, a cintura delgada, alheios que ainda eram à maternidade. Os seios firmes e o olhar sempre atento expunham-lhe o estado jovial. Um verdadeiro conjunto de atributos a alocá-la bem distante da vetustez.

- “O próximo”. – Mais uma vez gritava a médica.

O som estridente deixava a turma da antessala de olhos esbugalhados, embora ninguém ousasse dar o primeiro passo. Só depois um homem hesitante o faz julgando ser finalmente sua, a vez.

Aparentemente nada mudara naquela sala, tão pouco a psiquiatra. Sentada ela estava, os braços cruzados, a cabeça baixa, os olhos a varrer alguns papéis espalhados sobre a mesa. O quadro desbotado também continuava no lugar de antes, dependurado à parede atrás dela, amarrado a um prego enferrujado, abrigando aquela figura colorida, esquisita, entrelaçada feito raiz de mandrágora. Figura que, comparada ao seu rosto suave e agradável, acabava por levar alguém como "o próximo" a prospectar imaginação, temporariamente arrebatado por tamanha excentricidade.

Ela deixa finalmente os papéis, olha para frente e um sorriso fácil muda seu semblante carregado.

- Que bom! O "chá de sumiço" fez efeito... Faz bem tempo que aqui esteve, hein? .... Tive que contatá-lo. Seus temores me preocuparam. Sua insônia também.

Assim como sua dificuldade repetida de levantar-se da cama.

Era assim a doutora. Um rápido olhar para o suplicante e sua lembrança abrolhava como se saísse de um arquivo pessoal armazenado numa espécie de retentiva sempre disponível.

- Não. Não é bem assim. – Floreava o paciente parecendo querer desdenhar aquela segunda visita. – Meus temores apenas vêm e vão, tranquilos, paulatinos, como as ondas de algum mar calmo.

Depois, só depois de um longo tempo, com os olhos da médica a espeta-lo, ele desdizia.

- Como se lembra disso só de me ver, doutora? Estive aqui apenas uma vez e nada vejo em suas mãos que me identifique. Sem contar o mundo de gente maluca esperando aí fora.

- Sim. Fora os que se espalham por essa cidade de meu Deus. – Respondeu de pronto a atendente. E completava para não deixar dúvidas. – A memória ainda

me permite abster de entraves burocráticos. A rigor, as fichas usadas para dissecar vidas só fazem robotizar a relação médico-paciente, justo quando o caráter humanitário deve ter prioridade. Não gosto dessas fichas.

- E secretária? Por que a senhora não contrata uma? Lá fora, a atmosfera está muito próxima do caos.

- Secretárias? De jeito maneira.... Quando são competentes, ainda vai. Mas, se trapalhonas, a rotina de trabalho acaba virando um inferno. Sem contar o inconveniente de, não raro, sua sala ser invadida nos momentos mais inoportunos... Secretárias? Por enquanto, me dou ao luxo de não as contratar.... Quanto ao caos aí fora, não enxergo assim. Não notou que meus pacientes são muito mais competentes do que secretárias? .... Ouça só o silêncio! .... Se a ordem das coisas não está sendo alterada, se meu trabalho está se dando na mais tranquila harmonia e, o que é mais importante, se meus pacientes não estão reclamando, para que gastar uma fortuna com essa gente?

O ouvinte ia rir estimulado por tantas explicações, mas a última frase fê-lo sentir-se remanejado implicitamente ao seu diminuto lugar.

A médica, no entanto, pouco se lhe dava. Estava ali para oferecer suporte, incentivar a fala, ouvir sem rebater, não importando como: se com o rosto a exibir um afável sorriso de aprovação, ou se com um lenço branco e limpo a enfeitar a mão delicada.

Depois dos primeiros olhares, pareciam aparadas as arestas entre os dois. Tanta imaginação do paciente ao lançar mão da irreverência de nada adiantou. Ninguém mais do que ele era sabedor de que a benevolência da médica não lhe dava tal direito. Recomposto, mudou logo o assunto após a surpresa da reapresentação.

- Doutora. Antes que o tempo se extinga, preciso me abrir. Aconteceu-me algo dia atrás.... Aliás, por isso mesmo estou aqui.

- Calma! Não tenho todo o tempo do mundo, mas nossa entrevista está apenas começando. Só não estenda

muito, senão terá que me defender de algum paciente mais afoito lá de fora. – Brincava a médica, esboçando o belo sorriso para depois continuar.

- Então? O que aconteceu? Algo o preocupa além do que já me disse? Os pesadelos persistem? ... E não me chame de senhora, por favor. Ficar velha antes do tempo me deixa assaz deprimida.

- Não foi pesadelo, Berenice. – Negava o outro.

- Isso mesmo. Soa melhor.... Então, não foi pesadelo...

- Não sei. Em sendo, o tive acordado.

- Dá para esclarecer isso melhor?

Enquanto Ilano tentava impor ordem ao débil raciocínio, Berenice ajeitava-se na cadeira sustentando a cabeça com uma das mãos, como se o gesto lhe facilitasse a tarefa de ouvir e melhor entender.

- Algo bastante esquisito me aconteceu. - Continuou ele. - Uma miragem, ou alma do outro mundo,

ou mesmo um anjo, sei lá o que, invadiu o meu quarto, aproveitou-se de minha lucubração contumaz e falou o que bem quis sem que eu pudesse nada fazer, a não ser ouvir.

- Deu para ver alguma coisa? - Atalhava a médica fingindo-se interessada.

- Não.... Quero dizer.... Sim.

- Sim ou não? Uma coisa ou outra.

- Sim. Não com clareza, a ponto de identificar quem era, mas sei que se tratava de um vulto humano, pois como humano ele se expressou...

- Chegou a se expressar?

- Não é loucura, doutora? O que pode se depreender de tudo isso?

- Opa! Não vamos agir precipitadamente. Até mesmo o gavião precisa de duas asas para voar.... Como irei produzir uma resposta profética se ainda nem sei de detalhes? Se essas manifestações tiverem significado, por

enquanto não vão acrescentar nada à sua expectativa.... Seria produto de sua imaginação um tanto depauperada por uma depressão que não some? Também não vou me arriscar. Afinal, você estava em seu quarto, eu não. Até porque, se lá estivesse, meus gritos acordaria a vizinhança.... Também tenho medo de assombração, se é que meu caro sonhador ainda não sabe.

Encabulado, Ilano se detém, mas a jovem médica continua segura e bem-humorada.

- Surpreso por que? Acaso, não posso ter medo? ... Vamos lá sumido rapaz. Brinque também com as brincadeiras e conte-me o que quer me contar.

Quem poderia imaginar? Teria aquela frase descabida o condão de aproveitar as raras oportunidades para incutir no abalado ego de Ilano um pouco mais de autoestima? Em se tratando de Berenice, tinha sim. Era a profissional competente aproveitando o ensejo para fazer das palavras grandes alavancas a serviço da cura. Valia-se ela de uma chance adequada, ainda que aparentemente imprópria, incentivando aquela criatura tão inferiorizada

a retomar o sagrado dever de buscar o equilíbrio. E deu certo. O estupefato paciente esquecia os históricos critérios de compostura e já emendava curioso, com a alma inexplicavelmente nova.

- Poderia eu estar dormindo achando que estava acordado?

A médica apenas sorri, escrava que é da douta condição. Um sorriso maroto para magnetizar a acessão.

- Poderia sim, cavalheiro. E, em sendo, tudo não passaria de um incômodo pesadelo.

Mas tal concordância não apaziguou o velho Ilano.

- Como lhe disse antes, não foi pesadelo. Pesadelo é um inferno. Eu bem o conheço... A verdade é que acabei gostando do que ouvi.

- E o que ouviu? Tente me contar pausadamente. Não com as mesmas palavras, mas sem fragmentar muito o conteúdo.

Ilano finalmente pôs-se a contar. Da forma, a mais fiel, tanto quanto lhe possibilitasse a memória.

- A voz soava pausada. As palavras emanavam daquele vulto como o bálsamo a atenuar dores recidivas. Seja lá quem for me conhecia e até presenciou vários momentos de minha história, se condoendo com eles. Ao final, sentenciou que a cura estava no lugar onde minha vida começou e que somente lá, de uma forma ou de outra, eu encontraria o elo perdido; que era insensatez a postergação dessa cura; que a oportunidade era aquela e que eu teria que agarrá-la sem vacilar e com o coração aberto para alegrias e decepções... “Enxergue com o coração”. Foi o que a voz frisou ao final.

- E, sem dúvida, maldizendo a ciência e a todos que nela se baseiam -, atalhou de pronto, Berenice.

- Não diga isso, por favor. – Retrucava incontinente o outro. – Ao contrário. Salientou a importância de um acólito que se interessasse em acompanhar todos os meus passos na trilha para reagir com suporte técnico a tudo que extrapolasse a rotina do

iminente tratamento. Assim, penso que o meu misterioso amigo estava a requerer sua assistência e autorização.

- Menos mal. Só nos resta torcer para que, de fato, ele seja um amigo.

A resposta, claro, não significava rendição. Era apenas uma escapada estratégica de quem queria voltar com mais ímpeto ao campo de batalha. Depois de uma pausa estudada, a médica se desfaz dos próprios instrumentos para aliar-se temporariamente ao suposto concorrente extraterrestre. Pergunta então em tom corriqueiro.

- Existem, no seu entender, problemas de sua infância que estejam ligados ao lugar para onde seu suposto amigo quer manda-lo?

A estratégia parecia dar certo. Talhante era a resposta.

- Sem dúvida, aporrinhei-me bem novo. Agora, se isso é causa, a doutora me dirá.

Atilada, ela volta a recuar, ciente de que ia avançar depois.

- Aí é que está. Sou forçada a avalizar a voz. O ambiente significa muito na formação do indivíduo. Há exceções, mas o meio exerce grande influência sim.

- Então há fundamento nos ditames do meu protetor e amigo!

- Bem! São temas filosóficos de uma alma do outro mundo. Quem sou eu para ir contra?

- Doutora! Por favor, me ajude.... Será que estou a ouvir coisas? .... Vou ou não vou a esta viagem? Estou ou não estou biruta? ... A voz me manda seguir o que fala o coração. Sigo ou não sigo esse conselho?

- Caro Ilano. Preste bem atenção. Minhas brincadeiras tiveram o objetivo de melhor me aproximar de você nesse segundo encontro. Sinceramente, não gosto de ser a dona da verdade. Verdade imposta é como um rótulo pregado no boneco de vitrine: só é útil ali.... Apenas me limito às doutrinas que dão especificidade a

cada caso de deformação psíquica. Nada, no entanto, é calculável, como na matemática. Não vou engrossar em nada as palavras do seu repentino anjo da guarda, mas confesso que, por várias vezes, segui o meu coração em alguns devaneios e não me arrependi do que fiz.... Não vou autorizá-lo a fazer o que quer que faça, mas também não vou atrapalhar seus planos. Apenas quero ser incluída neles. Se sua opção é ir, vá. Se, no final, tudo não passar de um sonho, se não houver progresso em seu caminhar, pelo menos ares novos vão invadi-lo, pessoas diferentes vão rodeá-lo, sem falar de sua saída dessa rotina suburbana que só massacra e envelhece.... Todavia, não pense que vai se livrar de mim. Estou apenas a lhe dar férias. Faça o favor de me comunicar todos os seus achados.... Estarei sempre disposta a ouvi-lo. Se me for possível dar-lhe algum conselho ainda que de longe, darei. Se algum de seus caminhos estiver bloqueado, tentarei mostrar-lhe outro menos inóspito.... Meus conceitos não me autorizam asseverar que sua empreitada terá êxito, ainda que minha intuição me permita vislumbrar algo iluminado no final do seu

particular túnel... Meu amigo. A maioria dos homens tem uma cruz em seu destino, ainda que difícil é carrega-la. Alguém que muito amamos o fez e a única ajuda que recebeu ao longo do caminho veio dos chicotes e das lanças que o dilaceravam. E não se tem notícia de que Ele tenha reclamado... Chegou seu momento, companheiro. Sua cruz o espera. Só lhe resta erguê-la, sustentá-la sobre os ombros e carregá-la com galhardia e determinação. Certamente, ela não se igualará à que o Salvador carregou, mas cafifenta será para um corpo vacilante... A única ajuda que poderei oferecer não virá das ferramentas que açoitam, mas das palavras, que tem um poder imenso quando exercitada com firmeza e sapiência.... Agora, atente bem: essa ajuda evidentemente só se dará se os acontecimentos me forem passados com fidelidade e prontidão. No mais, que Deus o acompanhe, junto com esse seu protetor. Se ele de fato existe, que lhe queira muito bem.

- Colocando as coisas nesses termos, penso que vou dar conta. - Ajuntou Ilano meio ressabiado.

- Claro, homem de Deus! Não se menospreze. Afinal, você sabe: me chame e serei sua. – Emendou a médica, embora a réplica significasse sutileza para amenizar a enfática preleção vendo aquele ser às voltas com o velho puritanismo dos tolos. - À sua disposição, que fique bem claro -, completou sorridente.

- Na verdade - contemporizava o outro -, a tarefa mais difícil agora vai ser afastar-me da doutora, embora seu espírito certamente continue a comigo vagar.

- Ah! Bravo! Estamos melhorando. Se o cavalheiro não está tentando me seduzir, eu diria que já está apto a se aventurar com pernas próprias.

E os dois riram a bom rir enquanto Ilano direcionava o olhar para um divã solitário encostado na parede sob a janela camuflada por uma fina cortina porosa. Permitiu-se até se levar pelo censo de oportunidade, imaginando aquele sofá se prestando a objetivos outros, mas chamou-lhe à dura realidade o tremular frenético da cortina encardida, impulsionada por um forte vento repentino a inundar aquele consultório

cheio de segredos profundamente enterrados no código de ética da ainda jovem médica Berenice.

Agora sim, ele saía dali satisfeito, um homem mais denso. Lá fora, nem se deu conta do trajeto que fazia, voltado que estava para a tal viagem. Não notou, no ponto do ônibus, que uma senhora de idade avançada era assaltada por dois pivetes de tamanho avantajado. Não percebeu, também, que um gay com trajes extravagantes e de rosto grosseiramente maquiado balançava as madeixas enquanto o observava ao perceber sua atitude alheia e distante. Nem mesmo uma Kombi repleta de freiras em completa algazarra chamava sua atenção. Ninguém, nada enfim, conseguia desvirtuar seu pensamento pétreo sobre as consequências de uma aventura àquela altura da vida. E, movido por tamanho entusiasmo, se desmancha em gargalhadas passando a compor também aquelas cenas esdrúxulas, atitude despropositada de pedestres malucos que a megalópole produz.

Finalmente em casa pôde peregrinar ao mundo das probabilidades para concluir que a voz do além e o aval de Berenice eram mais do que cúmplices a apoia-lo na intrépida jornada.

Já amanheceu faz tempo. O ônibus corta a terra dura. Avança vagaroso enquanto Ilano, esfalfado, se espanta incrédulo com a familiaridade da viagem. Espanta-se porque várias décadas se passaram entre ela e as de outrora.

Não dormira à noite como era de se esperar. Mas seus olhos não se fecham ao ver o passado voltar, uma porção no asfalto já deixado para trás, outra na estrada poeirenta, sinuosa e esburacada onde ora trafega. E conclui abismado: - Tudo continua a mesma coisa! .... Parece que foi ontem... Estou a delirar, ou o tempo nunca passou por aqui?

Tinha sentido o pasmo: a mesma mudança do asfalto para a terra, a mesma baldeação, a mesma cidade, o mesmo mecanismo de troca, de gente e de bagagem. Tudo parecia leva-lo ao passado. Até aquele emblema Gontijo, desenhado em letras garrafais no verde intenso do ônibus, firme, inconfundível, brilhando sob o sol candente.

- Doce época! – Exclama, enquanto fecha os velhos olhos para avistar a nuvem de poeira na última curva da estrada anunciando a enlameada jardineira. Quando finalmente ela chega, o emblema está lá, a inconfundível e indelével insígnia. Depois vê o povo eufórico alisando-a em reverência enquanto, em coro, humaniza os seus feitos: “com lama ou sem lama, ela chega”.

Na época, ninguém a não ser o intrépido Gontijo encarava aquele fim de mundo. Era pioneirismo puro. Homens e máquina unidos numa aventura arriscada desbravando a terra extrema. Até enxadas levavam nos períodos chuvosos para garantir o feito. Hoje, a frota crescera e se modernizara. Os ônibus são gigantes, confortáveis, com ar condicionado e toda segurança. Mas a presteza é a mesma e continua a cativar, como o faz agora a calcar firme o chão batido com muito traquejo no trecho, levando aquele passageiro especial. Passageiro maravilhado que agora o aplaude ao ver sua marca desbotada pela poeira incessante, firme no propósito de levá-lo ao destino.

Terminava enfim sua viagem, confortável em uma porção, sofrida na outra. Bastante didática, porém, ao misturar os tempos para incentivá-lo no pleito. Ao desembarcar, alisa aquela marca indelével com olhos úmidos, agradecido pela atual e pelas outras viagens de outrora. Apesar de alguns curiosos verem esquisito seu gesto, só se afasta depois do ato simbólico.

Dirigindo-se ao único hotel da cidade, preferiu identificar-se depois, tão cansado estava. Afinal, naquele sossego, tempo para tudo era o que ia ter.

Enquanto se banhava, sentia o cansaço desprender-se de seu corpo como a pele largada pela cobra. A cama e um confortável pijama se incumbiriam do resto.

Devidamente aliviado, seu objetivo agora toma vulto. Quer o quanto antes expor-se à grande campanha. Revigorado, vai reaver parte por parte os meandros que norteiam o seu ministério.

Há que voltar a velhas obsessões para medir emocionalmente seus primeiros passos e construir, nas reminiscências, um lugar sólido onde possa se apoiar. Afinal, quisesse ou não, era um prisioneiro do passado e, como tal, precisava entendê-lo. Por isso, questiona-se, inspira-se, restaura-se. Com mente absolutamente fértil, pensa sobre o amor que nutriu platonicamente pela professora nos primeiros anos de estudo; pensa no desejo avassalador por Ernestina; na beleza da aurora do antigo arraial; nas brincadeiras com os coleguinhas na beira do Rio do Bardo; no jeito matuto do Véi Goné ao contar histórias; no sorriso contemplativo de Salustiano - o sempre ausente Salu; no desesperado Aristides e suas frustrações com o filho Rober; no mal afamado Nenzin Bitelo e seus galos de briga; no benemerente Dedé Pé Verde e suas artimanhas; no grande Menelau e aquela acentuada honradez. E no casal Madi e Tinozão que, mais uma vez, faz brilhar seus olhos.

Nem tudo, porém, seriam flores em sua cama. Dores também passariam por ela. Algumas de repercussões catastróficas. Como as que agora o ataca. O

tempo então se fecha. As asas dos sonhos não lhe sustentam mais. Sem apoio, é tragado inexoravelmente para a época em que suas imperfeições ganhavam vulto. Nesse momento o livro de sua contabilidade perversa se abre. Outra vez indeciso busca a etapa mais importante, a que dormita latente em sua consciência. Aí um velho apagador aparece para ofuscá-lo. Mais uma vez, sua memória afetada pela depressão recorrente se nega a disponibilizar o restante, traçando borne ao percurso, fincando demarcas, delimitando fronteiras.

A velha batalha novamente começa e não termina, mesmo estando ele no arraial, no sossego de um quarto do hotel do arraial, templo mais que perfeito para o retorno à odisseia.

Seria tão simples ir avante! Bastava que ele disciplinasse os pensamentos para não se entregar àquele velho adágio teimosamente bloqueado. Até que tenta, mas o faz aleatoriamente, e novamente falha. É como se o chão abrisse sob seus pés. Sua visão se turva e seu coração irrompe em batidas duras parecendo querer

saltar-lhe do peito. Nesse instante o velho apagador gigante reaparece e trafega sobre o ocorrido limpando tudo. Depois, outras quimeras surgem deixando para trás aquele abismo obscuro, espectros de lembranças jamais concluídas.

- Isso não pode continuar assim... Como pular essa etapa se ela é o começo de tudo? – Murmura amargurado enquanto resolve que, desta vez, levará adiante o exercício de esmiuçar essa parte até o limiar das forças. Não vai mais deixar que nada limpe o quadro de suas remotas frustrações.

- Se é a história a coagir-me, ela própria me levará ao contexto.

E lá ia ele, mais uma vez, apertar o temível botão de sua velha máquina do tempo.

Foi rápida, desta feita, a transposição. Já está na mesma cidadezinha onde agora se encontra. Só que há muitos, muitos anos atrás:

“‘‘ Postava-se o garoto Ilano de fronte à mãe. Recém-chegado da escola, exibia mais uma vez as marcas das corriqueiras traquinagens.

- Machucado de novo, menino? ... Vem. Vamos tratar logo isso.

Dona Joaquina, sua mãe, munida de iodo, algodão e esparadrapo, pronta já estava para curar-lhe as feridas do dia.

Desta feita eram as mãos a curar. Cabisbaixo, o traquina nada responde. Prefere ouvir as reprimendas em silêncio por saber que a mãe, com o coração que tinha, não ia além delas. Apenas aguarda pacientemente a ação milagrosa de sempre, certo de que estaria curado em tempo mais rápido do que o esperado e pronto para aprontar das suas novamente.

- Que menino levado, meu Deus! – Se queixa de boca Dona Joaquina, enquanto os olhos compassivos a trai.